NOTÍCIAS CNTV

Boletim Eletrônico

Confederação Nacional dos Vigilantes - Brasília - DF 26/08/2013 - Edição 885

FORA DE CONTROLE: ataques a bancos na Paraíba tem aumento 196% em comparação a 2012

A explosão de um Posto de Atendimento Bancários (PAB) na Empasa, em Campina Grande, foi a oitava investida criminosa contra bancos na Paraíba em agosto. No ano já foram contabilizadas 95 ocorrências, sendo: 35 explosões (15 no Banco do Brasil, 2 na Caixa, 17 no Bradesco e 1 no Santander), 28 arrombamentos (9 no Banco do Brasil, 8 no Bradesco, 8 no Santander , 1 no Itaú, 1 no HSBC e 1 na Caixa), 13 assaltos (6 no Bradesco, 4 no Banco do Brasil, 1 no Santander, 1 na Caixa e 1 no Itaú), 11 tentativas de assalto/arrombamento/explosão (4 no Banco do Brasil, 5 no Bradesco e 2 no Santander) e 8 saidinhas de banco (2 no Bradesco, 2 na Caixa, 4 no Santander).

Os dados são da 5ª Pesquisa Nacional de Ataques a Bancos, elaborada pela Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV) e Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), com apoio técnico do Dieese, a partir de notícias da imprensa, estatísticas de Secretarias de Segurança Pública (SSP) e informações de sindicatos e federações de vigilantes e bancários.

O levantamento foi coordenado pelo Sindicato dos Vigilantes de Curitiba e Região, com o apoio do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região, da Federação dos Vigilantes do Paraná e da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Paraná (Fetec-CUT/PR). O número de casos certamente foi ainda maior devido à dificuldade de levantar informações em alguns estados e pelo fato de que muitas ocorrências não são divulgadas pela imprensa.

A pesquisa foi lançada nesta quinta-feira (22), durante entrevista coletiva, em São Paulo. Os números alcançaram 1.484 ocorrências em todo país no primeiro semestre de 2013, uma média assustadora de 8,24 por dia, o que representa um crescimento de 17,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Desses casos, 431 foram assaltos (inclusive com sequestro de bancários e vigilantes), consumados ou não, e 1.053 arrombamentos de agências, postos de atendimento e caixas eletrônicos. No primeiro semestre de 2012, foram registrados 1.261 ataques, sendo 377 assaltos e 884 arrombamentos.

São Paulo é o estado que mais uma vez lidera o ranking, com 334 ataques. Em segundo lugar aparece de novo Minas Gerais, com 170, em terceiro o Paraná, com 118, em quarto a Bahia, com 117, e em quinto a Paraíba, com 95.

Bancários e vigilantes cobram providências do ministro da Justiça

A CNTV e a Contraf-CUT encaminharam cópia da pesquisa para o ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso, solicitando uma audiência para discutir os ataques a bancos e as medidas para proteger a vida das pessoas. Também foi enviada a pesquisa nacional de mortes em assaltos envolvendo bancos, lançada pelas duas entidades sindicais em julho, apontando a ocorrência de 30 assassinatos em todo país no 1° semestre deste ano.

"Vamos cobrar providências do ministro para combater as mortes e os ataques a bancos, que ocorrem por descaso dos bancos, uma vez de que eles preferem fazer a gestão do lucro em detrimento da proteção da vida de trabalhadores e clientes", afirma o presidente da Contraf-CUT, Carlos Cordeiro.

"Vamos exigir também a responsabilização civil e criminal dos executivos dos bancos e das empresas de segurança que são responsáveis pela insegurança nas agências e postos de atendimento, pois essa situação de morte e assaltos não ser banalizada, mas precisa ser enfrentada com ações concretas que coloquem a vida das pessoas em primeiro lugar", reforça o presidente da CNTV, José Boaventura Santos.

Fonte: Blog do Décio

Redução da vigilância deixa unidades de conservação de SP vulneráveis

A falta de vigilância é um dos fatores que mais ameaça as unidades de conservação do Estado de São Paulo. A Fundação Florestal tem 93 guarda-parques para cuidar de 45 mil quilômetros quadrados de áreas protegidas – média de 0,002 guarda-parque por km², ou 1 guarda para cada 484 km², incluindo áreas terrestres e marinhas. Para reforçar esse expediente, desde 2005, a Secretaria do Meio Ambiente (SMA) passou a contratar vigilantes terceirizados, que se tornaram os principais responsáveis por patrulhar as trilhas e combater a ação de palmiteiros, caçadores e outros criminosos no interior das unidades.

Nos últimos dois anos, porém, o número de vigilantes foi significativamente reduzido. No núcleo São Sebastião do Parque Estadual da Serra do Mar, por exemplo, o número de vigilantes caiu de 12 para 3 neste ano. A unidade chegou a ficar sem ninguém entre outubro e dezembro de 2012, segundo informações de ex-funcionários.

A falta de vigilância fica evidente também no núcleo vizinho, Caraguatatuba, que é atravessado por 70 km de estradas de terra, sem qualquer tipo de monitoramento. Uma delas, a do Rio Pardo, liga Caraguatatuba a Salesópolis e dá acesso a uma estação de bombeamento e várias linhas de transmissão de óleo da Petrobrás. Conectada a ela está a Estrada do Limeira, que liga Caraguatatuba a São Sebastião pelo topo da Serra do Mar. Apesar disso, não há nenhuma guarita ou posto de fiscalização ao longo do trajeto; qualquer pessoa pode entrar e sair facilmente sem ser incomodada – como fez a reportagem do Estado no início deste mês (mais informações abaixo).

Não deveria ser assim. Em janeiro de 2011, a SMA assinou um convênio de R$ 25,8 milhões com a Petrobrás, com o objetivo específico de criar infraestrutura de segurança, pesquisa e turismo para as duas estradas. Foi o primeiro ato oficial de Bruno Covas como secretário. O acordo era de que a Petrobrás entraria com o dinheiro e a Fundação Florestal (FF), com a execução.

Segundo nota divulgada pela

secretaria na época, o projeto previa a "implantação e operação da estrada-parque Rio Pardo e Limeira com a instalação de duas bases de proteção, dois portais com guarita lateral, uma base de apoio ao uso público e pesquisa, um alojamento, um refeitório, sinalização e pequenas obras de apoio ao uso público". Passados dois anos e meio, praticamente nada foi feito.

"Esse projeto foi aplicado, mas depois pedi para interromper, porque ele tomava conta apenas dos dutos (da Petrobrás) e não do parque como um todo", justificou o diretor da Fundação Florestal (FF), Olavo Reino Francisco. "O projeto foi totalmente alterado, inclusive com uma nova disposição referente ao novo sistema de monitoramento e vigilância." O novo plano, segundo ele, deverá ficar pronto em 20 dias. "A Petrobrás vai tomar conhecimento e vamos mudar", disse.

As mudanças, segundo Francisco, encaixam-se num novo modelo de monitoramento e fiscalização adotado pela secretaria, baseado em imagens de satélite e integração com a Polícia Militar Ambiental. "É outra estrutura, outra visão", afirmou Francisco. "O gestor talvez sinta falta (dos vigilantes), mas isso não significa que haverá aumento da criminalidade dentro ou fora dos parques. Pelo contrário, houve uma redução muito grande."

A secretaria não informou o número de vigilantes, solicitado pela reportagem – informou apenas o número de postos de vigilância (infraestrutura física), que foi reduzido de 250, em 2011, para 199, neste ano. "Os gestores entendem que diminuiu, nós não", disse Francisco. Segundo ele, a empresa que era responsável pela vigilância, chamada Capital, pediu concordata em 2012. Novos contratos foram então firmados com as empresas Alphagama e Atlântico Sul, no valor total de R$ 14,1 milhões.

"Apesar da redução dos postos, houve melhora substancial na qualidade dos serviços prestados, pois os contratos atuais contemplam equipamentos, veículos, brigadistas e mão de obra mais capacitada", afirma a secretaria.

Vigilantes entrevistados pela reportagem, porém, disseram que não recebem nenhum treinamento específico nem equipamentos adequados para trabalhar na mata. "Essas fardas a gente comprou com o próprio dinheiro", disse um deles, no Parque Estadual da Serra do Mar.

Outra história. Gestores e pesquisadores ouvidos pela reportagem também contam uma história diferente da relatada pelo diretor da Fundação Florestal. "Tem unidade que na década de 1970 tinha 30 guarda-parques e hoje não tem nenhum. Aí vem recurso de convênio, constroem guaritas, mas não tem um vigilante para por lá dentro", relata o gerente de uma unidade.

Segundo eles, a Polícia Militar Ambiental não tem infraestrutura nem efetivo suficientes para patrulhar as unidades de forma ostensiva, percorrendo as trilhas na mata com regularidade.

"A polícia ambiental tem um monte de outros assuntos para cuidar. Ela só entra nos parques quando há alguma denúncia específica e, mesmo assim, raramente entra nas trilhas. Não há nenhum trabalho de policiamento preventivo", diz o gerente de uma unidade. "As unidades estão abandonadas. Entra e sai quem quiser, a hora que quiser, levando bromélia, palmito, madeira, passarinho, carne de caça, o que quiser", diz uma outra fonte ligada à secretaria.

A comunidade científica também está preocupada. Vários pesquisadores que trabalham nas unidades de conservação tiveram projetos prejudicados e até equipamentos roubados nos últimos dois anos. "Já tivemos a experiência de deixar uma área delimitada para pesquisa e alguém entrar lá e cortar uma árvore que estava sendo estudada", conta a ecóloga Simone Aparecida Vieira, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) da Unicamp e representante da comunidade científica no Conselho Estadual do Meio Ambiente (Consema). "Se com os vigilantes já era difícil fazer a segurança, imagine sem eles", afirma Simone. "A polícia ambiental e as imagens de satélite são importantes, mas você precisa ter alguém andando nas trilhas constantemente."

O pesquisador Carlos Joly, professor da Unicamp e diretor do programa Biota Fapesp, diz que o novo esquema de segurança "não está funcionando" e que já levou essa preocupação diretamente às cúpulas da secretaria e da Fundação Florestal, pedindo soluções "urgentíssimas" para o problema. "Ações de caçador, de palmiteiro, não são visíveis do espaço. Satélite não faz a nossa segurança", afirma.

Joly reclama também da constante troca de gestores e da falta de qualificação daqueles que estão sendo selecionados para os cargos. "Estão colocando pessoas com pouquíssima experiência, sem currículo na área de conservação e gestão ambiental", diz. "Muitos têm dificuldade até para entender a necessidade dos pesquisadores."

"Toda semana sai gente boa e entram pessoas que não fazem nada. As unidades param. Há uma política de fiscalização estranha. Contrata posto para 2, mas só fica uma pessoa trabalhando. Todo mês pagamos por 10, mas só tem de fato cinco", conta o gestor de uma unidade. "E perdemos também postos de vigilância patrimonial. Eles (os vigilantes) não atuavam como guarda-parques, mas reforçavam a fiscalização, ocupavam espaço, o que acabava inibindo ações ilegais. O resultado disso tudo é um aumento no desmatamento, na caça, na retirada de palmito."

RELATO DO CAMPO. A reportagem do Estado percorreu, no início deste mês, mais de 50 km por dentro dos núcleos São Sebastião e Caraguatatuba do Parque Estadual da Serra do Mar, utilizando as estradas de terra do Rio Pardo e do Limeira, sem passar por qualquer posto de monitoramento ou fiscalização. O único fator que dificulta o acesso é a condição precária das estradas em alguns pontos, pelos quais só é possível passar com moto ou veículo 4x4.

No início da Estrada do Rio Pardo a reportagem até cruzou, por acaso, com um carro de vigilância – que era de outra unidade e estava ali só de passagem. Nem o veículo nem os três vigilantes que estavam dentro dele tinham qualquer identificação como agentes de segurança, nem do Estado nem de qualquer empresa privada. Eles contaram à reportagem que têm de comprar as fardas verdes com dinheiro do próprio bolso, trazer a própria comida, e não recebem qualquer treinamento específico para trabalhar na mata, nem com vigilância nem com salvamento. Também não possuem equipamentos de segurança nem de comunicação, além de seus telefones celulares particulares – que são inúteis dentro da mata.

Teoricamente, eles poderiam portar armas durante a patrulha; mas, na prática, andam desarmados, porque a sede do núcleo ao qual eles pertencem fica fora do parque, a quase 100 km da estrada que eles precisam patrulhar, e eles não têm autorização para portar armas fora da unidade. Ou seja, eles podem portar armas na sede e dentro do parque, mas não no percurso entre um lugar e outro.

"O que a gente faz, quando encontra um palmiteiro, é convidá-lo a nos acompanhar até a delegacia", conta um dos vigilantes. "Não temos autoridade para prender ninguém, então a gente blefa e torce para o cara cooperar." As patrulhas são feitas só três vezes por semana, segundo eles, porque há um limite de R$ 620 por mês para gasolina. Mais do que isso, e teriam de abastecer o carro com dinheiro do próprio bolso também.

Fonte: Estadão

Sessão solene comemora 30 anos de combatividade e conquistas da CUT Brasília

Rodrigo Britto, atual presidente da CUT Brasília, destaca importância da Central

Dirigentes da CUT Brasília das últimas três décadas celebraram na noite desta quinta-feira (22) os 30 anos da Central, em sessão solene proposta pelo deputado distrital Chico Vigilante (PT-DF), no Sindicato dos Bancários de Brasília.

Na cerimônia, foram apresentados os desafios enfrentados pela Central nas décadas de 80 e 90, o cenário atual imposto e a discussão de qual o papel da maior central sindical do Brasil e da América Latina e a quarta maior do mundo.

"É momento de assumir responsabilidades de conjuntura, assim como assumimos na década de 1980. O papel do sindicato, do partido político e do governo são diferentes. Estamos perdendo a consciência e a unidade de classe. Estamos agindo corporativamente. Temos que disputar o poder, e o poder não é só o governo, são os tribunais, os bancos, todos os espaços", alertou o secretário Nacional de Organização da CUT, Jacy Afonso, que presidiu a CUT Brasília de 1991 a 1994.

A preocupação com os desafios atuais da Central também foi citada pelo quarto presidente da Central (1994 – 2000), José Zunga. "Precisamos recuperar o processo de compreensão, de indignação, e isso deve ser permanente. Devemos refletir se nos acomodamos no processo. Não podemos perder a capacidade de sermos jovens no pronunciamento revolucionário", discursou.

O cenário hostil da época de criação da CUT e os ataques permanentes aos direitos trabalhistas pelo empresariado e pelo neoliberalismo estiveram no centro de atenção dos discursos. "A CUT surge rompendo com a lógica do Getulismo, rompendo com o sindicalismo 'de costas' para a classe trabalhadora. E essa luta continua hoje, quando a Central tem de lutar, por exemplo, contra um dos maiores golpes que querem ser aplicados contra os trabalhadores: o PL 4330 (que flexibiliza e precariza as relações de trabalho). Essa Central tem lado. Temos o sentimento de classe, a postura de classe e a ideologia de classe, independente de governo", afirmou a deputada federal do PT-DF, Erika Kokay, que esteve na presidência da CUT Brasília de 2000 a 2002.

A terceira mulher a ser presidente da CUT Brasília (2006 – 2010), Rejane Pitanga, hoje responsável pela Secretaria de Estado da Criança do DF, acredita que "a CUT é a mais bela experiência de organização dos trabalhadores". "Todas as lutas do Brasil e do DF têm a marca da CUT. Construída em anos de ditadura e neoliberalismo, a Central mantém a sua estrutura de base: democrática e de luta", dialogou com os presentes à sessão solene.

Para o atual presidente da CUT Brasília, Rodrigo Britto, é importante "pegar os exemplos do passado e trazer para o futuro, dando possibilidade para que a juventude saiba que tenha em suas mãos o maior instrumento de luta da classe trabalhadora". "Temos de ter firmeza em relação aos nossos princípios. No início desta gestão, trabalhamos o projeto 'Todo Poder aos Sindicatos', e conseguimos fazer com que houvesse uma reflexão e reafirmássemos nossa autonomia sindical e nossa luta para construir o socialismo. E vamos lutar de forma intransigente para isso. Vamos fazer essa luta dizendo não a essa reforma trabalhista disfarçada, que é o PL 4330; vamos fazer isso lutando por salários dignos e por toda a Pauta da Classe Trabalhadora, aprovada em assembleia com mais de três mil pessoas no dia 5 de julho deste ano", avaliou Rodrigo Britto durante a sessão solene em homenagem aos 30 anos de CUT.

O primeiro presidente da CUT Brasília, Chico Vigilante, diretor da CNTV e um dos fundadores da Central na capital federal, em 1984, concluiu sua fala dizendo: "fundamos a CUT por entender que era a principal ferramenta de transformação da sociedade".

Do sonho à realidade

Em 28 de agosto de 1983, praticamente trinta anos atrás, mais de cinco mil homens e mulheres representando milhões de trabalhadores e trabalhadoras de todas as regiões do País, tornaram realidade um sonho acalentado pela classe trabalhadora ao longo de toda a história moderna e contemporânea.

Nascia ali a primeira Central Sindical do país, a Central Única dos Trabalhadores.

A CUT se ergueu já representando em seu primeiro dia de vida quase mil sindicatos, do campo e da cidade, quase 250 entidades pré-sindicais e associações de funcionários públicos, cinco federações, oito entidades nacionais e confederações.

Ironicamente, o sonho da classe trabalhadora brasileira se realizou num galpão que costumava produzir sonhos, o estúdio cinematográfico brasileiro Vera Cruz, em São Bernardo, onde foram produzidos centenas de filmes nacionais de sucesso. Foi em São Bernardo também que nasceu o novo sindicalismo, sob a liderança de Lula.

Ainda vivíamos nos estertores da ditadura militar, um triste e sangrento regime que o movimento sindical autêntico e combativo que se alastrou por todo o país ajudou, e muito, a derrubar.

O Primeiro Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (o 1° Conclat) que aprovou a fundação da CUT foi a concretização dos planos de centenas de companheiros e companheiras que tombaram nas lutas dos trabalhadores, assassinados a mando de patrões e governos dos empresários.

A CUT pode dizer com orgulho que seus filiados, militantes e dirigentes foram fundamentais para a derrubada dos governos militares e para o retorno ao Estado de Direito e à Democracia, que ainda estamos tentando consolidar. Foram fundamentais também para as incontáveis lutas e conquistas ao longo destas três décadas que fazem da CUT a maior Central Sindical do país, da América Latina e a quarta do mundo.

Essa comemoração dos 30 anos de CUT não é só pra celebrar e relembrar os homens e mulheres que construíram e constroem essa história. É também para incentivar e mostrar aos jovens a necessidade de manter o que foi conquistado até hoje. Mais do que isso, de mobilizá-los para lutar para mais e mais conquistas a eles e às futuras gerações.

Na sessão solene desta quinta-feira, a CUT e os CUTistas reafirmaram seus princípios de luta. E reiteraram que não abdicam de outro sonho, o de construir uma sociedade justa, com direitos e oportunidades iguais para todos, com emprego, mais renda, saúde, educação, habitação e transporte para todos.

No Distrito Federal a CUT foi fundada em julho de 1984. Com lideranças dos vigilantes, bancários, gráficos, servidores públicos federais, médicos, previdenciários, professores, aposentados, rodoviários, arquitetos, engenheiros e protagonistas de todas as categorias da classe trabalhadora, do campo e da cidade.

Não por acaso o companheiro Chico Vigilante foi escolhido o primeiro presidente da CUT Brasília, em 1984. Uma liderança nata, forjada na luta dos vigilantes. Foi ele, junto com Pedro Celso, Carlos Henrique Lustosa, Lucia Ivanov, Jacques de Oliveira Pena, Adelino Cassis, Jacy Afonso, Djalma, Chico Machado, Maria Laura, Jacques Pena, Lúcia Cervalho, Orlando Carriero e outros nomes de luta, que coordenou os primeiros passos da Central, a partir da redemocratização do país.

Presidentes da CUT Brasília

Chico Vigilante (1984 - 1990)

Elzira Maria do Espírito Santo (1990 - 1991)

Jacy Afonso de Melo (1991 - 1994)

José Zunga Alves da Silva (1997 - 2000)

Erika Kokay (2000 - 2002)

João Torquato dos Santos (2002 - 2003)

João Osório da Silva (2003 - 2006)

Rejane Pitanga (2006 - 2010)

José Eudes Oliveira Costa (2010 - 2012)

Rodrigo Britto (atual presidente)

Fonte: Secretaria de Comunicação da CUT Brasília

Expediente:
Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV
Presidente da CNTV - José Boaventura Santos
Secretário de Imprensa e Divulgação - Edilson Silva Pereira
Jornalista: Pricilla Beine
Projeto gráfico e diagramação: Aníbal Bispo

site: www.vigilantecntv.org.br
email: cntv@terra.com.br
Fone: (61) 3321-6143
SDS edifício Venâncio Junior Térreo loja 09-11
Cep: 73.300-000 Brasília - DF